

APROXIMAÇÕES À HOSPITALIDADE EM CORA CORALINA

Approaches to Hospitality in Cora Coralina

LISANDRA LAVOURA CARVALHO PASSOS¹ & MIRIAN REJOWSKI²

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i2p394>

RESUMOⁱ

O presente artigo debruça-se sobre a presença da hospitalidade na poesia da Cora Coralina, que tem seu nome homenageado em uma rota turística em Goiás. Tem-se como objeto o poema “Ô de casa!”, escolhido por retratar os laços da poetisa com sua cidade natal e os tipos sociais em sua memória, bem como os costumes e valores socialmente compartilhados na sua versão de mundo e de si mesma. Trata-se de uma pesquisa exploratória e qualitativa, desenvolvida mediante análise literária, que busca investigar a hospitalidade nas relações entre anfitrião e viajante, considerando o acolhimento como uma das suas dimensões permeada pela circularidade da dádiva. Constatou-se que o acolhimento é a dimensão da hospitalidade que permeia todo o poema, ao lado da segurança, comensalidade e convivialidade, com alguns contornos da circularidade da dádiva, em uma clara visão do exercício da lei da hospitalidade no interior do estado de Goiás. Descortinou-se, assim, a paisagem ampla e complexa desse fenômeno nas relações entre os dois atores da hospitalidade – o anfitrião e o hóspede.

PALAVRAS-CHAVE

Hospitalidade; Acolhimento; Poesia; Cora Coralina.

ABSTRACT

This article focuses on the presence of hospitality in the poetry of Cora Coralina, who has her name honored on a tourist route in Goiás. The object is the poem “Ô de casa!”, chosen for portraying the poet’s ties with her hometown and the social types in her memory, as well as the customs and socially shared values in her version of the world and herself. This is an exploratory and qualitative research, developed through literary analysis, which seeks to investigate hospitality in the relations between host and traveler, considering reception as one of its dimensions permeated by the circularity of the gift. It was found that reception is the dimension of hospitality that permeates the entire poem, alongside security, commensality and

¹ **Lisandra Lavoura Carvalho Passos** – Mestra. Doutoranda em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP, Brasil. Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiás. <http://orcid.org/0000-0003-3068-512X>. E-mail: lislavoura@hotmail.com

² **Mirian Rejowski** – Doutora. Professora no Programa Pós-Graduação em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP, Brasil. Bolsista de Produtividade do CNPq 1C. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8468269699377558> E-mail: mirwski@gmail.com

conviviality, with some outlines of the circularity of the gift, in a clear view of the exercise of the law of hospitality in the interior of the state of Goiás. Thus, the broad and complex landscape of this phenomenon was revealed in the relations between the two actors of hospitality – the host and the guest.

KEYWORDS

Hospitality; Reception; Poetry; Cora Coralina.

INTRODUÇÃO

A hospitalidade é essencialmente concebida pelo vértice da reciprocidade. Recusar-se a dar, deixar de convidar “equivale a declarar guerra; significa recusar a aliança e a comunhão” (Mauss, 1974, p. 202). Ao contrário, a dádiva e o convite significam o estabelecimento do laço social (Montandon, 2016). Camargo (2004) evidencia que toda ação, ato, atitude de hospitalidade se inicia com uma dádiva, porém nem sempre a dádiva está inserida na hospitalidade. A dádiva traz implícito, contido algum interesse, um ‘interesse desinteressado’ (Godbout, 1999). A dádiva transcorre através de vínculos, em relações estabelecidas entre amigos, vizinhos, parentes e pessoas e apresenta-se de diferentes formas, de um presente propriamente dito a um presente imaterial, como uma palavra, uma lembrança, uma notícia ou uma carta (Godbout, 1999). A retribuição a uma dádiva inicial causa um processo contínuo de dádivas e contradádivas, e a perpetuidade da relação se mantém enquanto nenhuma das partes se descompromete da retribuição (Camargo, 2004).

Tendo como foco o estudo da hospitalidade, chegou-se ao Caminho de Cora Coralina, no estado de Goiás, inaugurada no ano de 2018 a partir de uma adaptação do projeto de uma rota turística entre as cidades de Corumbá de Goiás e Cidade de Goiás concebido em 2013. É um caminho com cerca de 300 quilômetros de extensão, que cruza as cidades históricas de Corumbá de Goiás, Pirenópolis, São Francisco de Goiás, Jaraguá e a Cidade de Goiás, abrangendo também os municípios de Cocalzinho de Goiás, Itaguarí e Itaberaí, interligando municípios, povoados, fazendas e atrativos (Goiás, 2013, s.i.).

Passando por oito cidades históricas, oito povoados e três unidades de conservação, o caminho reúne um variado patrimônio natural, cultural, religioso e gastronômico interligado em trilhas traçadas por viagens realizadas na região central do Brasil desde o século XVIII por tropeiros, naturalistas, cientistas, botânicos, historiadores, militares, entre outros. Inspirado no Caminho

de Santiago de Compostela (Espanha), o seu nome homenageia a poetisa goiana Cora Coralina, reconhecida pela simplicidade com que retratava o seu cotidiano.

Entre os poemas de Cora Coralina, um chamou atenção por retratar os laços da poetisa com sua cidade natal, com os tipos sociais que estão em sua memória, bem como “os costumes e valores socialmente compartilhados dos quais a autora se apropria para construir sua versão de mundo e de si mesma” (Dias, 2013, p. 120). É o poema intitulado “Ô de casa!”, de caráter predominantemente autobiográfico, em que a autora cita literalmente a lei da hospitalidade. Publicado no livro ‘Vintém de cobre: meias confissões de Aninha’ (Coralina, 2012, p. 40), estampa a autobiografia em versos e de historicidade circunstancial e privada da autora, tem como um dos focos a linguagem rural, semelhante à usada pelas populações da roça, do interior de Goiás e semelhante aos contadores de casos.

Tendo como objeto de estudo o poema “Ô de casa!”, desenvolveu-se uma pesquisa com o propósito de desvelar as relações de hospitalidade entre o anfitrião e o viajante, com base no acolhimento como uma das suas dimensões, ao lado de outras dimensões a serem reveladas. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de cunho qualitativo, justificada por buscar explorar um tema ainda pouco estudado e que proporcione “maior familiaridade para definição do problema” (Gil, 2007, p. 41) e de hipóteses de pesquisa futura. Como estratégia metodológica adotou-se a análise literária do poema, com um conjunto de categorias definidas a posteriori no decorrer da análise daqueles que estão vivendo a ação (Coelho, 1966; Moisés, 1970; Sá, 2007).

Discorre-se inicialmente sobre a poetisa Cora Coralina, sintetizando seus principais dados biográficos e da sua obra. Em seguida, analisam-se seis partes do poema em suas aproximações com a hospitalidade entrelaçadas às noções de dádiva e relações de troca com base no pensamento de Mauss (1974), em seu ‘Ensaio sobre a dádiva’. De acordo com esse autor, as atividades no âmbito da análise da dádiva são coletivas e não se restringem a riquezas ou bens materiais: “não são indivíduos, são comunidades que se obrigam mutuamente” (p. 55), clãs, tribos, famílias; e, além disso, não se limitam a bens e riquezas, a móveis e imóveis, tampouco a coisas economicamente úteis, mas incluem “gentilezas, festejos, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras” (p. 55).

O estudo desse poema sob o ângulo da hospitalidade permite pensar a perspectiva dos tempos e espaços no qual se realiza, sua dinâmica rural, os modelos culturais nele embutidos e os atores participantes em suas práticas e relações interpessoais em encontros hospitaleiros.

CORA CORALINA

Ana Lins dos Guimarães Peixoto (1889-1985) adotou o pseudônimo de Cora Coralina ao escrever poesias e contos, sendo considerada uma das principais escritoras brasileiras. Aos 15 anos tornou-se Cora, uma maneira de esconder sua verdadeira identidade, pois naquela época ‘moça direita’ não perdia tempo com escritos. Coralina surgiu depois, cujo significado poético vem dos corais do Rio Vermelho, que passava embaixo da ponte da sua casa (Britto & Seda, 2009). Cora Coralina quer dizer coração vermelho. Para ela, existir era uma maneira de resistir, coexistir e transmitir, por meio de um profundo enraizamento tribal e da terra. A própria Cora Coralina se designava “cultivadamente rude”, conforme cita Delgado (2003):

Você quer me conhecer? E começa a ler o artigo de jornal: “Livre, turbulenta, receptiva, cultivadamente rude”. Cultivadamente rude - acentua a poetisa – cultivadamente rude. É isso mesmo. Cultivadamente rude. A vida me fez rude e a minha formação me fez cultivada. Mulher sertaneja, livre, turbulenta, cultivadamente rude. Inserida na gleba. Mulher terra. Nos seus reservatórios secretos um vago sentido de analfabetismo. Doceira fui e gosto de ter sido. Mulher operária (p. 184).

A sua infância transcorreu em dois lugares relevantes revelados em cenários de seus contos e poemas: a Fazenda Paraíso e a Casa Velha da Ponte. A Fazenda Paraíso, próxima a Goiás, residência de seus bisavôs, avós, tios e primos foi o “cenário bucólico mais imediato e permanente pano de fundo, quando não moldura, de diversos textos” (Lourenço, 2019, p. 4), e é nesse cenário, que nos remete o poema “Ô de casa!”.

O desembargador Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, pai de Cora, faleceu em 1889, quando ela tinha apenas 2 meses de vida. Ele comprara do sogro a Casa Velha da Ponte, uma das mais antigas e pioneiras da capital de Goiás, tendo sido erguida por Thebas Ruiz com métodos construtivos do Brasil-colônia, incluindo ferragens feitas por escravos em forjas primitivas. Edificada em 1739, foi estruturada em madeira, com paredes de adobe de barro cru e pau-a-pique, firmados por vigas e pilastras de aroeira sobre baldrames de pedra bruta e alicerçada sobre as pedras para conter as águas do Rio Vermelho. Tornou-se para Cora símbolo ao mesmo tempo do real e do imaginário, e não raro, na condição de casa grande, um disfarce para a pobreza sofrida pela família nos tempos vindouros da decadência do ouro e do fim da mão de obra escrava, quando a república ainda engatinhava (Britto & Seda, 2009).

Parte integrante na vida e obra de Cora é o destaque ao ‘Rio Vermelho’ e à ‘Serra Dourada’ como espaços importantes na cidade de Goiás. Esse rio é um “espaço constitutivo da cidade, porque

a cidade nasceu em função deste rio, e a história do rio é a história da cidade, do ciclo do ouro, dos índios que ali habitaram, das enchentes que modificaram a paisagem” (Esmeraldo, 2014, p. 36). A presença fluida desse rio é tão relevante em seus poemas e contos, como na prosa poética Rio Vermelho, do livro ‘Villa Boa de Goyaz’: “Nasci nas margens desse rio e o seu murmúrio ininterrupto embalou o berço da minha infância, fecundou e perfumou a flor da minha adolescência, acalentando com amavio estranho os sonhos da minha fantasia” (Coralina, 2001, p. 101). Ao utilizar esses elementos em sua poética e também em seu nome, Cora demarca os limites da cidade como os limites da sua própria existência. Segundo Esmeraldo (2014), “não se trata de um espaço qualquer, mas, sim, de espaços específicos que fizeram parte da trajetória de Cora e, por conseguinte, espaços expressivos que ficam guardados na memória e revelam, de certa forma, a alma humana” (p. 36).

Cora, mulher simples, doceira de profissão e por necessidade, teve seu primeiro livro ‘Poemas dos becos de Goiás e estórias mais’, publicado em 1965, aos 76 anos. Tendo vivido longe dos grandes centros urbanos, alheia a modismos literários, produziu uma obra poética rica em motivos do cotidiano do interior brasileiro, em particular dos becos e ruas históricas de Goiás. Carlos Drummond de Andrade apontou-a como a joia mais rara de Goiás (Andrade, 1987). Antes do reconhecimento de Drummond sobre a sua obra, foi lida e aplaudida em diversos estados brasileiros, mas foi a partir de Drummond que ficou conhecida nos meios literários.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A análise do poema ‘Ô de casa!’ foi desenvolvida a partir do esquema-roteiro proposto por Coelho (1966) para análise de um romance, adaptado para analisar qualitativamente o conteúdo de um outro tipo de obra literária, um poema. Concordando com Sá (2007), para quem, a leitura aprofundada de um texto literário mostra a sua natureza ambígua que revela múltiplos sentidos. Com base nessa consideração, a análise do conteúdo do poema ‘Ô de Casa!’ pode evidenciar diferentes manifestações da hospitalidade.

Inicialmente fez-se a leitura lúdica da obra, em um contato inicial, seguida pela fixação de impressões que se destacaram na leitura em sua relação ao tema hospitalidade. Procedeu-se então a uma segunda leitura, de caráter reflexivo, conduzida pelo tema e pelas ideias principais percebidas na obra. Nesta fase inicial da análise, o poema foi subdividido em trechos representativos de diferentes momentos do encontro entre o anfitrião [avô de Cora] e o hóspede [viajante], os quais foram tomados como as seguintes categorias de análise: (a)

Práticas da roça; (b) Chegada e a solicitação de estada; (c) Acolhida ao viajante; (d) Descanso dos viajantes; (e) Alimentos dos animais; (f) Despedida. O aprofundamento da análise do poema se deu em uma leitura interpretativa de cada trecho, com anotações detalhadas acerca dos elementos da hospitalidade percebidos na sua estrutura literária, ou seja:

1. análise dos fatos que integram a ação (enredo);
2. análise dos traços característicos daqueles que vão viver a ação (personagens);
3. análise da ação e personagens situadas no meio-ambiente em que se movem (espaço);
4. análise do encadeamento da ação e personagens numa determinada sequência temporal (tempo);
5. análise dos meios de expressão de que se vale o autor [...]. (Coelho, 1966, p. 142-3).

Em cada categoria de análise, transcreve-se literalmente [em itálico] o trecho do poema, apresentando as ideias de forma ordenada de acordo com a ordem do seu surgimento (Moisés, 1970), e interpretando-as a partir de ligações com o pensamento de estudiosos da hospitalidade. Com isso exploram-se práticas, domínios, dimensões e tempos da hospitalidade comuns no cotidiano dos habitantes do interior de Goiás na virada do século XX.

Objeto de estudo e contexto do local - No poema 'Ô de casa!', Cora abre as portas da casa para reconstruir caracteres essenciais ao ser humano, dissolvidos ou ocultados no caminhar dos tempos, mas, ao mesmo tempo, intensamente marcados pela sua história. 'Ô de casa!' uma expressão popular muito usada na época de Cora Coralina, para o visitante anunciar a sua chegada.

O local descrito é a Cidade de Goiásⁱⁱ, lugar de nascimento e infância de Cora Coralina, cidade outrora importante por ter sido capital do estado de Goiás até 1942. Essa cidade foi edificada em 1727, entre a serra Dourada e a Serra do Cantagalo, às margens do rio Vermelho, principal veio aurífero da região. Com a decadência da mineração por volta de 1770, muitos povoados goianos foram abandonados e as atividades passaram a priorizar a pecuária e agricultura. Porém, durante as três primeiras décadas do século XX, Goiás continuou atrelada à política oligárquica da Primeira República com meios de transportes precários, com acesso árduo, dificultando a integração comercial com as demais regiões brasileiras, portanto com condições precárias de uma capital de estado (Palacin, 1976). Um desânimo e lentidão, em um ritmo menos acelerado das capitâneas do interior do Brasil.

O texto do poema 'Ô de casa!', apresenta uma narrativa do comportamento do viajante da época, das suas atividades econômicas e de suas necessidades, referente ao final do século XIX

e início do século XX. De acordo com Vieira (2014), nele é possível explorar as imagens do aconchego e do acolhimento “trazido por esse envolvimento interpessoal em que o ritual de convivência era pautado na simplicidade e na confiança entre os semelhantes” (p. 63). São gestos e sinais de aproximação, que atribuem sentido à existência humana, pois “trazem consigo o poder de registrar no tempo o verdadeiro sentido de construir e habitar a Terra, elevando a vida a uma dimensão transcendental” (p. 63). A história, o tempo e a literatura se cruzam na análise do poema coralino.

‘Ô DE CASA!': HOSPITALIDADE NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Práticas da roça - No primeiro trecho do poema, a autora trata das práticas costumeiras em receber o estranho que pedia passagem ou abrigo, mediante rituais entre anfitrião e hóspede, e vice-versa.

Havia na roça umas tantas práticas que se
cumpriam religiosamente,
Os chegantes: “Ô de casa”, “Ô de fora.
Tome chegada,
se desapeia.”
O viajante, estranho ou não, descia do animal.
Rebatia o chapéu, tirava, pedia uma parada de
um dia ou mais, vinha de longe, de passagem,
os animais esfalfados,
Um dia de descanso, um particular com meu
avô e dono.
Meu avô fazia entrar, seu escritório, mesa de
escrever vasta, recoberta de encerado, duas
gavetas, suas chaves sempre esquecidas na
fechadura. Um relógio antigo de caixa, duas
malas encouradas, cheias de papéis, antigas
cartas amarradas em maço e soltas
Um óculos de alcance proibido as crianças.
Suas armas de caça, patrona, polvarinho,
chumbeiro, tufos de algodão, espoletas,
algumas armas desusadas, outras de uso,
penduradas num cabide alto, fora do alcance
da menina.

Ali o viajante se identificava melhor.
Se desarmava, entregava suas armas de cano e
de cabo ao dono da casa. Era preceito social.
Meu avô aceitava ou não, conforme o seu
conhecimento do visitante.
Recolhia numa das gavetas para restituir na
saída. De outras pessoas, pessoas conhecidas, de
conceito, meu avô não consentia que lhe
entregassem os ferros.
Que ficasse com eles, alta confiança. Recusam
sempre. Pediam ao meu avô que os guardasse
em confiança e meu avô atendia, mostrava-lhes a
gaveta, quando os quiserem, ali estavam.
Também de praxe na partida, na montada, meu
avô descia os degraus, segurava os estribos,
honra maior concedida a uns tantos em
cerimonial, competente e rústico, estas
coisas...ajudar também uma senhora a montar
no seu Cilhão, oferecer-lhe o apoio da mão
espalmada e ela, sutil, prática, num leve apoio
passava para a sela adequada. Também oferecer-
lhe o estribo. Todo esse ritual era cumprido com
rigor e os jovens, mesmo analfabetos e rústicos,
aprendiam e praticavam. Normas de cortesia
roceiras com seu toque romântico de boas
maneiras.

O momento da chegada do viajante mostra as primeiras relações de contato, cujo contexto nos insere na ruralidade da localidade, nas práticas civilizadoras, nas relações entre estranhos, na

recepção ao viajante. Uma aproximação por um pedido de abrigo por parte do visitante e um dever simbólico e religioso de recepcioná-lo por parte do anfitrião, expressão de hospitalidade que pode ter “uma dimensão coletiva e um caráter de obrigação que, durante muito tempo foi associada à religião e à ideia de caridade” (Camargo, 2015, p. 45), reforçada pela preocupação de que oferecer hospitalidade “é prestar homenagem aos deuses – uma atitude digna e honrosa a se fazer” (O’Gorman, 2007, p. 28) e se cumprir.

O viajante, ao apejar do cavalo e retirar o chapéu, demonstra um sinal não-verbal de humildade, traz implícito a reverência com o anfitrião e a demonstração do desejo de aproximar respeitosamente. Essa aproximação permite ao avô de Cora ouvir o pedido do viajante e observá-lo melhor, um rito relacionado a hospedar e oferecer abrigo a um desconhecido, onde o tempo é expresso por valores e por hábitos do fim do século XIX. Como diz Pitt-Rivers (2014,) “a essência do estrangeiro é, tautologicamente suficiente, de que ele é desconhecido” (p. 4), pode ser um inimigo ou não, desta forma, a observação dos sinais revelados ou implícitos são apreciados para se tentar compreender quem está chegando.

A questão da hospitalidade pressupõe receber, acolher, permitir a entrada do outro num espaço privado e doméstico. É uma relação assimétrica e complexa, acompanhada de um ritual de abertura ao ‘outro’, que antecede o acolhimento e os vínculos sociais, assegurando uma relação em construção e ainda frágil entre os indivíduos. Em sua análise sobre o domínio da hospitalidade na esfera doméstica, Lashley (2004) destaca que

[...] o dever de proporcionar hospitalidade, de atuar com generosidade enquanto anfitrião e proteger o visitante era mais que uma questão deixada ao gosto dos indivíduos. As crenças a respeito da hospitalidade e as obrigações em relação aos outros estavam fixadas em ideias e visões sobre a natureza da sociedade e a ordem natural das coisas (p. 7).

O avô de Cora permite a incorporação do desconhecido em sua casa e o viajante entrega suas armas para que fiquem com seu hospedeiro criando uma aproximação e um sinal, que está desarmado e não é uma possível ameaça ao seu anfitrião. Entretanto, o protocolo não consistia apenas na entrega das armas, mas sim em mostrar ao viajante que elas estariam guardadas e que seriam devolvidas no final. A busca por uma aproximação com acatamento aos preceitos sociais, mesmo quando já se conheciam, os protocolos por parte do viajante também eram seguidos, reforçando o movimento de ser aceito sob as regras da casa e as normas do ambiente rural.

Há um ritual intrínseco nessas cenas, como nos diz Camargo (2015), onde a hospitalidade como defesa inclui uma série de normas e comportamentos, que controlam as interações sociais, como, as boas maneiras e a etiqueta. As cenas descritas nesse trecho do poema mostram que as leis da hospitalidade “regulam as relações sociais” (Camargo, 2015, p. 55), onde o viajante se coloca diante do anfitrião em uma postura adequada e desempenha seu papel na busca de receber em troca o abrigo para si, sua família e seus animais. Em uma linguagem simples e direta, Cora pontua as dinâmicas sociais da vida rural, um espaço de riquezas, que misturam os modos de vida, a história e a cultura do povo goiano. Cora também descreve com detalhes a ambientação do escritório e remete ao espaço rural e seus objetos presentes nesse cenário de dentro da casa, a escolha do cômodo, a disposição dos móveis, os armamentos, suas tralhas e apetrechos delimitando o que era ou não acessível aos mais jovens.

Chegada e solicitação de estada - No segundo trecho do poema, tem-se a chegada dos viajantes e a saudação ‘Ô de casa!’.

*Acontecia à noite, alta noite com chuva,
frio ou lua clara,
passantes com cargueiros e família darem:
"Ô, de casa..."
Meu avô era o primeiro a levantar, abrir a janela:
"Ô de fora... Tome chegada."
O chefe do comboio se adiantava:
"De passagem para o comércio levando cargas,
a patroa perrengue, mofina,
pedia um encosto até "demanhã".
Mais, um fecho para os "alimais?"*

Para Grinover (2006), o viajante, ao chegar em uma cidade, percorre os seus espaços urbanos e está sujeito a “situações e processos importantes de informações” (p. 31), inclusive percepções. Para esse autor, a hospitalidade é uma relação no espaço, ou espacializada, entre o anfitrião, quem recebe, e o hóspede, quem é recebido. O anúncio feito pelo viajante “Ô, de casa...” promove no avô de Cora a atitude de levantar, abrir a janela e responder: “Ô de fora... Tome chegada”, quando o visitante é convidado a se aproximar, a vir mais perto, foi lhe dada a autorização de acercar-se. Do ponto de vista simbólico, a janela [aberta ou fechada] é um componente espacial muito significativo, pois remete a um vínculo “que conecta o espaço íntimo ao espaço externo [social/natural], permitindo ao sujeito perceptivo interagir com esses espaços, principalmente, através da visão” (Santos, 2015, p. 142); quem está dentro olha o mundo de fora e quem está fora procurar enxergar o mundo de dentro.

Acolher o outro é aceitá-lo em seu espaço, é colocar à “disposição do outro o melhor de nós: o melhor do que possuímos como anfitriões” (Grinover, 2009, p. 6). Fuão (2014), citando Levinas (1980) e Derrida (2003), coloca o acolhimento como um ‘ato ético’, no qual o outro, o hóspede pode ser desejável ou indesejável de ser recebido em casa. Por outro lado, Ávila (2018) aponta que esse relacionamento com o outro se expande além da interação para construir o convívio que, junto com o acolhimento e a amorosidade, efetivam as relações. Nos princípios do acolhimento se desdobra esse percurso amoroso, pois o “acolhimento assim como a hospitalidade não são gestos, mas sim um movimento que se pode comparar à amorosidade” (Fuão, 2014, p.78). O avô de Cora se movimenta provavelmente com algum sentimento de amorosidade e compaixão, ou movido pelo espírito cristão para com o visitante.

O visitante se aproxima e explica do que se trata sua presença e a situação de sua família e seus animais, pede acesso mediante a possibilidade de ser acolhido por uma noite. Como explica Gouirand (1994, apud Avena, 2008), pelo acolhimento aceita-se o estranho, que pode ser o inimigo, sem combatê-lo, mas sim permitindo-lhe acesso a uma comunidade que também lhe é estranha. Por outro lado, o viajante espera ser bem recebido, e a hospitalidade estabelece a concepção desse encontro ao envolver o ato de acolher um estranho. Se o recebemos, sentimos a obrigação de retribuir a dádiva recebida; “o ato de dar não é um ato desinteressado” (Lanna, 2000, p. 176).

Segundo Vieira (2014), a obra de Coralina “dá importância aos homens de vida simples, que compartilhavam dessa unidade acolhedora” (p. 52). Nas palavras da poetisa, ao contrário daquele desconhecido que passa, “que vai entrando como em terra de ninguém, indiferente a uns tantos princípios, o visitante é aquele que alcança a magnitude dos gestos de acolhimento de quem o recebe, valoriza a nobre simplicidade da gente que sabe dispensar atenções e cortesia aos que chegam” (Coralina, 2012, p.112).

No trecho inicial do poema, considera-se o acolhimento como a principal dimensão da hospitalidade na chegada do viajante ao espaço do anfitrião, associada à segurança tanto do anfitrião quanto do viajante, traduzido no tempo de receber. Ainda que o estranho não tenha ultrapassado a soleira da porta do outro (Gotmann, 2009), há a formação do primeiro vínculo entre ele e o seu anfitrião. Percebe-se o cotidiano da vida do avô de Cora e a simplicidade dos seus gestos que, no entanto, também refletem a complexidade do ser humano.

Acolhida ao viajante - No terceiro trecho do poema, as atitudes do avô são construídas nas imagens que a autora descreve:

*Meu avô abria a porta, franqueava a casa.
Tia Nhá-Bá, de candeia na mão, procurava a cozinha,
acompanhada de Ricarda sonolenta.
Avivar o fogo, fazer café, a praxe, aquecer o leite.
Meu avô ouvia as informações. Não especulava.
Oferecia acomodação, no dentro,
quarto de hóspedes.
Quase sempre agradeciam.*

A hospitalidade relaciona-se à interação entre indivíduos, que ocorre em diferentes tempos e espaços (Camargo, 2004). A acolhida retratada neste trecho refere-se ao tempo do receber no espaço doméstico. O abrir a porta é mais que uma simples abertura, é um ato de recebimento, de desobstruir a passagem, conceder a licença e proporcionar o uso à entrada do estranho e proporcionar-lhe segurança. A acolhida se alinha ao pensamento de vários estudiosos da hospitalidade. Stefanelli e Bastos (2016) abordam os deveres fundamentais dessa relação, “a generosidade, abertura e disposição favorável para receber” (p. 258) e destacam como dimensões da hospitalidade o acolhimento e a solidariedade em uma relação assimétrica e de alteridade entre o anfitrião e o hóspede.

Baptista (2002) também ressalta o acolhimento do ‘outro’ como uma forma privilegiada que ocorre nesse encontro interpessoal. Ferreira, Perazzolo & Pereira (2013) observam o indivíduo em sua natureza, humanidade e acercamento com os da sua própria espécie em uma relação de alteridade com o ‘outro’ em sua diversidade. Brusadin (2016) destaca a sensibilização do anfitrião perante as necessidades do ‘outro’ e cita que às vezes “o anfitrião se adapta” (p. 14) para atender o hóspede e, por outro lado, este também se adapta ao modo como o anfitrião se comporta.

Nas memórias de Cora, começam os movimentos dentro da casa, uma luz surge na candeia e vai iluminando até a cozinha por uma das moradoras da casa, onde se acende o fogo e se aquece o ambiente. A prática de partilhar “a comida é do que trata a comensalidade, hábito tão antigo na humanidade entre homens e animais - e cuja única diferença está no sentido dados pelos seres humanos à partilha” (Costa, 2015, p. 64), à divisão, ao repartir. As mulheres que levantam e vão para a cozinha situam-se no centro da esfera doméstica e ‘simbolizam a dádiva’ ao longo do tempo, como aponta Godbout (1999). Para esse autor, o termo hospitalidade envolve o receber e o acolher, sem uma troca comercial, “receber designa, evidentemente, o fato de acolher

alguém em casa, mas também, o que é igualmente importante, o fato de dar, oferecer alguma coisa: hospitalidade, uma refeição etc. [...]. Receber alguém é dar-lhe algo. [...]. É exatamente o contrário daquilo que o mercado procura: criar condições de troca de bens entre estranhos iguais” (p. 198). A comensalidade contribui para a organização das “regras da identidade e hierarquia social”, para “tecer redes de relações” e “para impor limites de e fronteiras sociais”, destacando os costumes e comportamento de determinado grupo (Carneiro, 2005, pp. 71-72).

“Meu avô ouvia as informações” - nesse gesto, a hospitalidade não reside apenas no desejo de ser acolhido, sendo também desejo de acolher, desejo de receber [e ouvir] e desejo de dar. Desejo esse de que o hóspede rompa a solidão, dê prazer com a sua presença e/ou noticie informações de outros lugares, são razões citadas por Montandon (2016). Diante disso, a hospitalidade ou acolhimento seria

[...] um fenômeno resultante do encontro dinâmico de demandas distintas, com origem, necessariamente, numa perspectiva subjetiva do desejo, orbitado por eventos do acaso. Isso [...] exige, de cada um, o olhar do olhar do outro, o abdicar da tranquila certeza do saber prévio, o exercício empático da compreensão [...] como uma variância das relações humanas no âmbito cotidiano (Perazzolo, Santos & Pereira, 2010, p. 11).

No poema, o avô de Cora “oferece acomodação, no dentro, quarto de hóspedes”, onde supõe-se que será muito mais acolhedor e aconchegante, e oferta o que tem de melhor para a chegada do hóspede inesperado. O “cuidado que aquele que acolhe dá à preparação e ao embelezamento do espaço do acolhimento é tão significativo quanto a qualidade da relação que se estabelece no momento do acolhimento” (Avena, 2008, p. 421). Observa-se ao final, que os visitantes geralmente agradeciam, e subentende-se que nem sempre aceitavam a acolhida dentro da casa, por não querer causar mais incômodo ao anfitrião.

Neste trecho do poema a dimensão do acolhimento é decomposta no ato propriamente da acolhida, onde o anfitrião permite a entrada do hóspede em seu espaço. Considera-se a continuidade da dimensão do acolhimento associada à solidariedade, segurança, convivialidade e comensalidade nos tempos de receber, alimentar, acomodar [hospedar] e entreter [prazer da presença, noticiar fatos de fora...].

Descanso dos viajantes - No quarto trecho do poema, nas lembranças de Cora, os viajantes se banham, descansam e as crianças se alimentam. Nas viagens pela província de Goiás em 1819, Saint-Hilaire (1975) discorre sobre a varanda de uma casa que o abrigou em sua expedição no

arraial de Santa Luzia, tendo um “rancho bastante amplo e aberto de todos os lados” (p. 21) coberto com telhado e sendo ali o lugar de descanso e pouso e onde promove abrigo aos viajantes.

*Se arrumavam ali mesmo no vasto alpendre coberto
Descarregavam as mulas, encostavam a carga.
Tia Nhá-Bá comparecia, oferecia bacião de banho
à dona, e aos meninos, quitandas.
Aceitavam ou não.
Queriam, só mais, aquele encosto, estendiam os couros,
baixeiros, arreatas, se encostavam.*

“Ser acolhido é dispor-se a todos os riscos e colocar seu destino nas mãos do hospedeiro” (Montandon, 2016, n.p.). Reforça-se assim a instalação da hospitalidade no espaço entre dois sujeitos, o acolhedor e o acolhido, em um movimento alternado de papéis, no qual o acolhedor ora se converte em acolhido, e o acolhido ora se converte em acolhedor (Perazzolo et al, 2010). O acolhimento, traz consigo o reconhecimento do outro no convívio, mudando a forma de se relacionar. Acolher é então abarcar, trocar e interlaçar. Novamente, a comensalidade traz consigo muita simbologia que permeia a convivência da humanidade. “Tia Nhá-Bá comparecia, oferecia um bacião de banho à dona, e aos meninos, quitanda”: o significado desta ação não alimenta apenas o corpo, mas também a alma.

Ao longo das épocas e regiões, as diferentes culturas humanas sempre encararam a alimentação como um ato revestido de conteúdos simbólicos, cujo sentido buscamos atualmente identificar e classificar como “políticos” ou “religiosos”. O significado desses conteúdos não é interpretado pelas culturas que o praticam, mas sim cumprido como um preceito inquestionável, para o qual não são necessárias explicações (Carneiro, 2005, p.71-72).

Cita-se que embora nem sempre se oferte acomodação ou abrigo ao ‘outro’, não se pode negar “nesta categoria o calor humano dedicado a alguém, sob a forma de oferta de um teto ou ao menos de afeto, de segurança, ainda que por alguns momentos” (Camargo, 2004, p. 52). Compreende-se então como a convivialidade à mesa ou na forma de abrigo e proteção, que fomenta a virtude da hospitalidade. Neste trecho do poema a continuidade do acolhimento do outro ainda associada à convivialidade, segurança e comensalidade, nos tempos de acomodar e alimentar. Destaca-se o comportamento do hóspede para descansar da sua jornada.

Alimento dos animais - No quinto trecho do poema, as experiências e os sentidos se estabelecem na medida em que a vida avança, por meio dos inúmeros fatos vivenciados por Cora, dentro e fora da casa.

*Meu avô franqueava o paiol.
Milho à vontade para os animais de sela, de carga.
Eles acendiam fogo, se arranjavam naquele
agasalho bondoso, primitivo.
Levantávamos curiosas, afoitas, ver os passantes.
Acompanhá-los ao curral,
oferecer as coisas da casa.
Ajoujavam os cargueiros, remetiam
as bruacas nas cangalhas.*

Camargo (2015) defende que a hospitalidade passa pela intimidade do calor humano e pode ser compreendida como uma relação em que se estabelece uma troca [entre receber e ser recebido]. A hospitalidade nesse contexto não tem uma espacialidade definida, vem de dentro e se expande para o de fora. Nota-se aqui o estabelecimento de um pacto, um contrato na economia do dom, conforme o pensamento de Mauss (1974):

[...] dispor de um bem, seja ofertando-o ou destruindo-o, é a base para a formação de alianças e geração de respeito. Permeados sempre por significados simbólicos diversos, os contratos são feitos com base na oferta. Dispor de um objeto significa fazer um pacto, uma aliança, como franquear seus bens e suas economias. A economia do dom é uma forma de organização, não um tipo de contrato que se assina conscientemente (p. 54).

Analisando no poema “oferecer as coisas da casa”, percebem-se as noções nativas de mana e de hauⁱⁱⁱ de Mauss. Segundo essas noções, quando se recebe e se troca presentes, estabelece-se uma obrigação, porque aquilo que se recebe não é inanimado. Nesse sistema, “o doador tem uma ascendência sobre o beneficiário”, e “cria-se um vínculo de almas” (Mauss, 1974, p. 54). Dar algo a alguém é dar algo de si, cujo valor é chamado por Godbout (1999) de troca simbólica. Salles e Sales (2012), analisando o sistema do dom segundo Mauss (1974), destacam que para esse autor o objetivo da dádiva produz um sentimento de amizade entre os dois sujeitos envolvidos, cujas trocas podem adversas, “voluntárias e obrigatórias, interessadas e desinteressadas, úteis e simbólicas” (p. 39), em uma interação constante entre dar e receber. Neste trecho a dádiva se manifesta em acolher a extensão dos bens pertencentes ao viajante, pois ao alimentar os animais com o milho do paiol, o vínculo de doar e proteger seu visitante extrapola os limites da casa, da territorialidade do núcleo familiar e promove a proteção na

integralidade, o que dá sentido a qualidade das relações interpessoais, ampliam as alianças e protegem a vida.

Despedida - Na última parte do poema, a Lei da Hospitalidade surge textualmente e percebe-se que a relação instaurada entre o anfitrião e o viajante se tornou muito mais importante do que aquilo que a originou.

*Faziam suas despedidas, pediam a conta das despesas.
Meu avô recusava qualquer pagamento —
Lei da Hospitalidade.
Os camaradas já tinham feito o almoço lá deles.
Já tinha madrugada para as restantes cinco léguas.
Convidava-se a demorar mais na volta.
Despediam-se em gratidão e repouso.
Era assim no antigamente, naqueles velhos reinos de Goiás.*

Cora Coralina compõe o poema fazendo uma citação a Lei da Hospitalidade, sem, no entanto, revelá-la com detalhes em sua linguagem poética. Pitt-Rivers (2012) compreende-a como a lei em que deve haver entre anfitrião e hóspede baseada na honra e no respeito: ao hóspede não é permitido usurpar o papel do anfitrião e nem recusar o que lhe é oferecido, reconhecendo que a ele foi feita uma homenagem; e como dever de o anfitrião proteger seu hóspede de ofensas e injúria, e não falhar em atendê-los, concedendo-lhes a prioridade que lhes é devida. Para esse autor, a lógica da Lei de hospitalidade, “fornece uma justificativa para qualquer recusa ou aceitação: se a honra é melhor feita pela oferta de hospitalidade excessiva [que pode implicar desgosto] ou demonstrando que ele é bem-vindo [que arrisca a implicação de que isso é esperado] é algo que só pode ser conhecido por referência à convenção local” (p. 515). Pitt-Rivers reafirma que tanto o anfitrião quanto o convidado “devem honrar um ao outro” (p. 513), ou seja, o primeiro recebe a honra de ter a companhia do segundo, e este também tem a honra concedida pelo convite daquele.

Entendemos, como Camargo (2021), que “anfitrião e hóspede devem honrar-se mutuamente” (p. 9) e isso ocorreu quando o anfitrião colocou sua casa à disposição, dispôs de sua comida, de seus bens, em “oferecer as coisas da casa” (Coralina, 2021, p. 41) e o hóspede retribuiu trazendo notícias de longe, alegrias, demonstrando gratidão com palavras e gestos. Ao tentar explicar a Lei da Hospitalidade nesse trabalho, ainda de forma concisa, partimos da análise, que o viajante não violou seu papel de hóspede e não ofendeu nenhuma das leis da hospitalidade, que a concernem, as quais seriam: primeiramente insultar seu anfitrião ou mostrar alguma rivalidade

ou hostilidade; conseguinte, usurpar o papel de seu anfitrião, e por fim, recusar o que lhe é oferecido; e não há no poema algo semelhante, que tenha levado a infringir a lei, neste caso, a lei da hospitalidade.

Ao viajante o avô de Cora “convidava-se a demorar mais na volta”, na compreensão, que a hospitalidade pode ser vivenciada, mas dificilmente cerceada, pode proporcionar a acolhida e a convivialidade entre os seres humanos. Para que essa hospitalidade ocorra, primeiramente houve o acolhimento. Despedindo-se “em gratidão e repouso”, observa-se a complexidade e o aprofundamento do acolhimento e da convivência com o outro, de acordo com Moesch (2010): “Nisto observa-se o receber, o ajudar, o abrir-se, o reconhecimento do outro em sua diferença, ou seja, uma visão de hospitalidade mais complexa e aprofundada em laços sociais, ritualísticos e de reciprocidade, constituintes da hospitalidade como valor de troca do sujeito, portanto humanizador” (p. 9). E, assim, destaca-se o elemento humanizador no acolhimento a prestação e manifestações da hospitalidade na despedida ao acolhimento do forasteiro pelo avô de Cora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poema “Ô de casa!” de Cora Coralina constitui um exemplo de narrativa individual, particular, singular, que se torna registro da experiência de muitos. Desse modo, explorar as veias de sua poética, dos seus contos e poemas é dialogar com temáticas significativas à compreensão da hospitalidade, conduzida pela dimensão do acolhimento e, em certa medida, alguns dos contornos da circularidade da dádiva no interior do Brasil. A hospitalidade não se define por só um elemento, mas a combinação deles. Prova disso é que, para Cora Coralina suas memórias colocadas no poema comungam com a recepção ao viajante, o acolhimento, a circularidade da dádiva, a solidariedade, preconizando o respeito, a tolerância, a convivência, permitindo-nos apreender um sentido também simbólico de sua história de vida e de sua obra.

Compreendeu-se na simbologia do poema diversos sentidos de realidade vivida por Cora Coralina em sua infância na casa do avô, com destaque para elementos da acolhida ao viajante, comensalidade e lei da hospitalidade. Os resultados obtidos indicam dimensões ou categorias representativas da hospitalidade, entre elas, o acolhimento, a comensalidade, a segurança e a convivialidade, a serem investigadas em profundidade em estudos futuros. Considera-se que a lei da hospitalidade, no poema investigado, é, portanto, decorrente dessas quatro dimensões, que se decompõem em outras como cortesia, conforto, abrigo e proteção.

Quando Mauss (1973) se propôs a estudar sobre as trocas culturais e a dádiva, ele percebe o uso de mecanismos de trocas por parte de chefes, anfitriões e hóspedes em um sistema pré-organizado de recepção cordial, que preza pelo respeito para com o outro. O avô de Cora trata a chegada e acolhida desses viajantes com todo o cuidado com aquele que não pertence ao lugar. O avô entrelaça os atos de acolher, abrir as portas, permitir a entrada do estranho, proporcionar abrigo e alimento e permite a circularidade do dar e receber em sua essência lógica e simbólica. A experiência dessas relações permeadas pela hospitalidade faz com que anfitrião e hóspedes saiam diferentes e abram a permissão para um novo reencontro.

Os elementos desse poema também o distanciam da hostilidade, pois o sistema de trocas, que se institui entre hóspede e anfitrião atua como sinal de boa fé e de cordialidade, desfazendo uma possível hostilidade e resistência. Essa troca não envolve só uma troca de presentes, mas também uma troca de expectativas e confiança mútua. Nesse sentido, a hospitalidade entrelaça-se com a dádiva e cria um vínculo entre ambos, que não é quantificável em espécie, mas que transpõe para uma experiência de alteridade, solidariedade e generosidade.

Este trabalho proporcionou explorar conceitos e abordagem da hospitalidade, a partir de visão de vários autores como um primeiro ensaio que descortinou a paisagem ampla e complexa desse fenômeno nas relações, onde a dádiva circulava entre os dois atores da hospitalidade – o anfitrião e o hóspede. E por meio de seus poemas, Cora Coralina nos descortina, pelo seu olhar afetuosos, a hospitalidade, que compõe sua trajetória de vida na ruralidade de Goiás.

REFERÊNCIAS

- Andrade, C. D. [Rio de Janeiro, 7 out. 1983]. (1987). Carta de Drummond. In: Coralina, Cora. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. São Paulo: Global.
- Avena, B. M. (2008). *Por uma pedagogia da viagem, do turismo e do acolhimento: itinerários pelos significados e contribuições das viagens à (trans)formação de si*. Tese, Doutorado em Educação, Universidade Federal da Bahia, Brasil. [Link](#)
- Ávila, N., & Baptista, M. L. C. (2018). A expressividade da dança circular em busca da hospitalidade. Acolhimento e amorosidade nas relações. *Revista Hospitalidade*, 15(1), 1-24. [Link](#)
- Baptista, I. (2002). Lugares de hospitalidade. In: Dias, C. M. de M. (org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas* (pp. 157-164). Barueri-SP: Manole.
- Britto, C. C. & Seda, R. E. (2009). *Cora Coralina: raízes de Aninha*. São Paulo: Ideias & Letras.

- Brusadin, L. B. (2016). O sentido do acolhimento na hospitalidade: entrevista com Conrad Lashley. *Caderno Virtual de Turismo*, 16(3), 9-14. [Link](#)
- Camargo, L. O. de L. (2004). *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph.
- Camargo, L. O. de L. (2015). Os interstícios da Hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, 12(n. especial) 42-69. [Link](#)
- Camargo, L. O. de L. (2021). As leis da hospitalidade. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 15(2), e-2112. [Link](#)
- Carneiro, H. (2005). Comida e Sociedade: significados na história da alimentação. *História: Questão & Debates*, 42(1), 71-80 [Link](#)
- Coelho, N. N. (1966). *O ensino da Literatura*. São Paulo: FTD.
- Coralina, C. (2001). *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global.
- Coralina, C. (2001). *Villa Boa de Goyaz*. São Paulo: Global.
- Coralina, C. (2012). *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. Goiânia: UFG.
- Costa, E. R. C. (2015). Comensalidade: a dádiva da hospitalidade através da gastronomia. *Cultur*, 9(2), 52-72. [Link](#)
- Delgado, A. (2003). *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. Tese, Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, Brasil. [Link](#)
- Dias, P. P. (2013). *Representações textuais-discursivas na construção do mito de Cora Coralina*. Tese, Doutorado em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. [Link](#)
- Esmeraldo, M. S. (2014). *A representação do espaço e a cidade na poesia de Cora Coralina e José Décio Filho*. Dissertação, Mestrado em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Goiás, Brasil. [Link](#)
- Ferreira, L. T, Perazzolo, O., & Pereira, S. (2013). *Traços de acolhimento do corpo coletivo acolhedor (primariamente acolhedor) em ambientes virtuais: análise de site oficial da Secretaria Municipal de Bento Gonçalves*. Anais... X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul. [Link](#)
- Fuão, F. F. A (2014). A collage como trajetória amorosa e o sentido de hospitalidade: acolhimento em Derrida. *Ensaio Filosóficos*, 9, 74-102. [Link](#)
- Gil, A. C. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Godbout, J. (1999). *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: FGV.

- Goiás. (2013). Plano Conceitual de Desenvolvimento Regional da Estrada Temática “Caminho de Cora Coralina”. Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento. Agência Goiana de Desenvolvimento Regional. Goiânia. SEGPLAN.
- Grinover, L. (2006). A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. *Revista Hospitalidade*, 3(2), 29-50. [Link](#)
- Grinover, L. (2009). A hospitalidade na perspectiva do espaço urbano. *Revista Hospitalidade*, 6(1), 04-16. [Link](#)
- O’Gorman, K. D. (2007). Dimensions of hospitality: exploring ancient and classical origins. In: C. Lashley, P. Lynch, & A. Morron. (eds.), *Hospitality: a social lens*. Oxford: Elsevier.
- Lanna, M. (2000). Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva. *Revista de Sociologia e Política*, 14, 173-194. [Link](#)
- Lashley, C. (2004). Para um entendimento teórico. In: C. Lashley, & A. Morrison. (eds.), *Em busca da hospitalidade*. Barueri-SP: Manole.
- Lourenço, E. (2019, 6 setembro). Cora Coralina: a história da poeta que publicou seu primeiro livro aos 75 anos. *Revista Bula*. [Link](#)
- Mauss, M. (1974). *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. São Paulo: EPU.
- Möesch, M. M. (2010). *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto.
- Moisés, M. (1970). *Guia prático de análise literária*. São Paulo: Cultrix.
- Montandon, A. (2016). A difícil e necessária dádiva da reciprocidade. [Entrevista concedida a] Marcia Junges. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, 16(499), 34-37. [Link](#)
- Moraes, C. C. P. (2012). *Do corpo místico de Cristo: irmandades e confrarias na capitania de Goiás (1736-1808)*. Goiânia: UFG.
- Palacin, L. (1976). *Goiás 1722-1822: estrutura e conjuntura numa Capitania de Minas*. Goiânia: Oriente.
- Perazzolo, O. A., Santos, M. M. C., & Pereira, S. (2011). Corpo Coletivo Acolhedor: uma proposição teórica. *Anais... VIII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*. [Link](#)
- Pitt-Rivers, J. (2012). The law of *hospitality*. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 2(1), 501-517. [Link](#).
- Sá, O. (2007). Análise Literária: percursos básicos. *Ângulo*, 110(4), 15-19. [Link](#)
- Saint-Hilaire, A. (1975). *Viagem à província de Goiás*. São Paulo: Edusp.

Salles, M. R. R., & Sales, G. A. F. (2012). O sistema da dádiva nas relações comunitárias e a constituição de alianças pelo trabalho tradicional. *Cultur*, 6(2), 20-42. [Link](#)

Santos, K. J. C. (2015). *A casa e os caminhos de dentro: Um estudo sobre o espaço habitado em contos de Moacyr Scliar*. Tese, Doutorado em Letras, Universidade Federal da Paraíba, Brasil. [Link](#)

Silva, A. (2020). O que é quitanda para o mineiro? *Conheça Minas*. [Link](#)

Stefanelli, M. M. C., & Bastos, S. R. (2016). Missão Paz: lugar de hospitalidade e acolhimento aos i-migrantes na cidade de São Paulo. *Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, 8(3), 256-273. [Link](#)

Vieira, D. M. G. (2014). *Vintém de cobre – Meias confissões de Aninha: a poética da experiência em Cora Coralina*. Dissertação, Mestrado em Letras, Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Brasil.

NOTAS

ⁱ Este artigo apresenta os principais resultados da pesquisa realizada em 2020, sendo uma versão revisada de um trabalho anteriormente apresentado no XIII Seminários de Administração SemeAD 2020.

ⁱⁱ Conforme Moraes (2012, p. 28), a Cidade de Goiás iniciou-se com o arraial de Sant’Anna que foi “plantado no fundo de um vale cortado pelo rio Vermelho e circundado por serras dentre as quais a Serra Dourada. [...] Na margem esquerda deste rio, situada em terreno elevado, erigiu-se em 1727, a capela de Sant’Anna. Do outro lado do rio, também em local não alcançado pelas enchentes, foi edificada em 1734, para os escravos negros, a igreja Nossa Senhora do Rosário”. O padre Palacin (1976, p. 33) ressalta “a nova povoação – que deveria converter-se doze anos depois em vila e tornar-se Capital”.

ⁱⁱⁱ Ambos os termos: mana e hau são palavras de origem melanésia. O mana é reservada aos homens e aos espíritos e aplica-se às coisas. Hau designa a alma e o poder das coisas inanimadas e vegetais, o espírito da floresta e da caça, um poder espiritual (Mauss, 1974).

PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 24 AGO 21 Aceito: 9 FEV 22